

PODCAST VEJA BEM

Transcrição

Podcast - Veja Bem

Ep. 01

Abaixo, seguem as legendas utilizadas:

C = Professor Clóvis de Barros

F = Professor Carlos Ferrari

V = Vinheta

L = Locução

F: Chegar no bairro com uma coisa enorme e de repente ser visto como "cego", foi algo horripilante. No primeiro dia, eu tentava disfarçar. É óbvio que era impossível: estava todo mundo vendo! Mas a tentativa era passar em silêncio.

C: Toda nossa conversa será a respeito desse escancaramento. Da nossa relação do mundo a partir de toda percepção não visual da realidade, e a construção de um fenômeno que, diferentemente dos fenômenos dos videntes, é um fenômeno determinado por condições muito específicas de existência.

V: Veja Bem: o podcast semanal para pensar a vida com outros olhos. Com os professores Clovis de Barros filho e Carlos Ferrari.

F: Saudações! Eu sou o professor Carlos Ferrari

C: E eu sou o professor Clovis de Barros e esse é o nosso primeiro programa, vamos começar?

L: Uma conversa entre amigos, por Carlos Ferrari! Locução: Marcos Aurélio de Carvalho.

F: Eu sou um apaixonado por podcasts e, acreditem, a coisa é antiga. Acho que isso tem a ver com uma infância que se desenvolveu tendo sempre a trilha de um rádio por perto: músicas, futebol e aqueles tantos programas de emissoras Am, que faziam companhia para minha mãe, enquanto ela cuidava da casa. Enquanto eu brincava no quintal esses sons foram responsáveis por me ajudar ampliar o jeito com o qual eu cresci enxergando a vida, mesmo sem poder usar os olhos.

Em uma manhã de domingo, em meio à pandemia, acordei cedo, como de costume, disposto a cumprir meus rituais matinais no "modo completo": uma alongada na sala, "play" no podcast do dia, que tinha acabado de aparecer no feed, e algumas dezenas de minutos na esteira, para começar a semana aliviando a culpa decorrente da noite anterior, graças a algumas taças de vinho e pedaços de pizza a mais. Missão cumprida, era chegada a hora, como diriam os simpáticos youtubers Lucas e Alexandre, a hora de "ter.a.pia", ou seja, se você preferir, a hora de encarar as louças do sábado, atividade que eu não abro mão de fazer. Antes, porém, fui dar uma repassada nas mensagens de WhatsApp e vi que minha amiga Katia Leite, lá da Bahia, havia compartilhado um link com uma entrevista do professor Clovis de

PODCAST VEJA BEM

Barros, o que já me deixou ainda mais animado para o desempenho daquela atividade doméstica. Lavar louça ouvindo o bate-papo com o mestre! Puxa vida, que oportunidade para relaxar e alimentar as ideias! O que eu não esperava é que, em meio a água, sabão, reflexões, algo poderia me conectar diretamente com o entrevistado: em determinado momento da conversa com a jornalista Leda Nagle, o professor Clovis passou a relatar suas experiências com a perda gradativa da visão. Enquanto ele falava, começou a surgir um desejo imenso de participar daquele papo: perguntar, discutir, concordar, caramba! A sinergia foi tão grande, que ele até falou que também curtia lavar louças! Depois que terminei todo o trabalho, fiz um café e decidi que precisava escrever para o professor Clovis.

Não sabia se ele leria - aliás, não tinha nenhum endereço de e-mail para enviar, mas era uma necessidade incontornável de conversar com aquele interlocutor que há anos eu encontrava nos livros, em vídeos no Youtube e, recentemente, em podcasts e que, agora, conectava-se diretamente comigo por meio de um jeito muito particular de olhar e pensar a vida.

Ao concluir o texto, procurar os contatos do professor na Internet e finalmente enviar o e-mail, pude descobrir que, independentemente de qualquer resposta, a vida boa, naquele momento tinha sido vivida na plenitude. Não reprimi minhas ideias. Escrevi apresentando uma proposta ousada para alguém que eu admirava há anos e, ainda de quebra, experimentei a sensação de abrir a porta para que algo inédito pudesse ser criado.

Menos de duas semanas depois, a resposta chegou por e-mail e, em algumas horas, horas mais tarde, a gente já estava conversando por telefone refletindo sobre temas e possibilidades em meio a um diálogo daqueles que poderiam se alongar por horas.

Sou cego total desde sete anos de idade e ao longo da caminhada, como aluno, amigo, filho, pai, cidadão, militante, profissional, aprendi quanto é importante acreditar na vida, mesmo naqueles momentos nos quais, para onde se olha, tudo e todos parecem dizer "não".

Isso não tem nada a ver com autoajuda e, sim... Bem, eu sei que às vezes fica difícil seguir adiante, mas, olha, lá nos anos 80, quantas vezes pude testemunhar minha mãe, dona Nea, receber uma negativa ao tentar me matricular me uma escola, ou mesmo em um curso de natação ou violão. A gente voltava pra casa e, horas depois, ela já estava tentando de novo.

Aprendi com meus pais que, a cada porta fechada, em geral, quase sempre tem algumas outras que podemos tentar abrir. A lição tem se repetido, e constatar isso é um super combustível pra poder avançar.

Veja Bem, nasceu de uma porta que se abriu de imediato. O mais bacana é que não nasce só um pode cast. O que vocês ouvirão semanalmente, é uma conversa entre amigos, duas pessoas que passaram a conversar, em meio à pandemia, sobre como a

experiência do "não ver" pode contribuir para que tantas outras pessoas venham pensar a vida com outros olhos.

Então, é o seguinte: recebam nossas "boas-vindas" e voltem sempre!"

F: Mas, professor, por que que a gente decidiu fazer essa provocação? Quais as vantagens que alguém, o nosso ouvinte que agora tá lavando louça, correndo na esteira, fazendo aquela caminhada, esperando um conjunto de ideias, de sonhos pra retomar a vida nesse pós-pandemia... quais as vantagens de pensar a vida com outros olhos? E por que isso é possível?

C: Prof. Carlos Ferrari, é uma imensa alegria compartilhar esse espaço com você, e pensar a vida com outros olhos, pra nós, é mais do que uma possibilidade; é uma necessidade.

Quando falamos de necessidade, falamos de alguma coisa que se impõe e que, portanto, vai além das nossas escolhas, da nossa autonomia, da nossa soberania. E esse pedaço do mundo e da vida sobre o qual não temos ingerência, esse pedaço regido pelas forças do acaso e que são tão decisivas na hora de avaliar a nossa felicidade, a nossa "vida boa". Então é muito interessante, porque, quando alguém pensa na vida, pensa imediatamente num conjunto de relações com o mundo, e pensa também no conjunto de relação entre as partes que o constituem. O vivente, portanto, ele é constituído por partes em relação, e esse mesmo vivente está no mundo em relação com outros corpos, outras realidades. Quando a gente pensa nas relações com o mundo, é claro que o mesmo trago que se impõe a qualquer um, é a maneira como o mundo se apresenta a cada um de nós. É a sua aparência. Aquilo que, na filosofia, os pensadores chamam de Fenômeno. E você sabe que o fenômeno, ele é a maneira como um corpo, através dos seus instrumentos perceptivos, captura o mundo como mensagem. Qualquer pessoa que teme acompanhando, terá de admitir que a experiência dita visual, sempre foi o filé mignon, a parte mais nobre desse fenômeno: a captura do mundo pelos sentidos. Ora, apesar de ser a parte mais nobre do entendimento de todo mundo, a visão não é 100 por cento da percepção do mundo. A visão dá ao vidente uma certa impressão de como o mundo é, enquanto extensão, enquanto cor, enquanto proporcionalidade, e é claro que isso é muito relevante. mas a nossa percepção do mundo, ela se dá por todas as portas que o nosso corpo disponibiliza para essa relação. E é exatamente aqui que a sua introdução encontra o meu pensamento: na hora que uma porta se fecha, ou se fecha parcialmente, é necessário que outras portas se façam escancarar. É necessário que outras portas deem conta dessa relação, porque a vida a pressupõe. E, portanto, toda a nossa conversa, professor, será a respeito desse escancaramento, da nossa relação do mundo a partir de toda percepção não visual da realidade e a construção de um fenômeno que, diferente do dos videntes, é um fenômeno determinado por condições muito específicas de existência. E é sobre isso que falaremos ao longo das conversas. Vai ser uma alegria e que os ouvintes sejam muito bem-vindos, sempre.

F: Então vamos ao tema do dia: a cegueira sem glamour, sem horror. A cegueira enquanto uma condição humana. Você está ouvindo o barulho de uma bengala

dobrável sendo aberta. Algo muito simples: são gomos de fibra de metal, dependendo do fabricante, e com um movimento de mão ela se abre.

Esse, pra mim, talvez seja o maior símbolo de conexão com a cegueira. No primeiro livro que escrevi, um livro autobiográfico, conjunto de crônicas que me ajudou a transbordar uma série de sensações, de vivências do mundo, em 2011, uma das crônicas era: bengala: todo mundo tem as suas. E eu falava da bengala enquanto símbolo que me conectava com a cegueira de maneira muito particular. Primeiro porque significava um símbolo de autonomia muito grande; era por meio da bengala que eu poderia, aos 14 anos, imaginar oportunidades de trabalho, final de semana passeando com os amigos e, quem sabe, até encontrando a nova namorada.

A bengala era a possibilidade de me apropriar da polis. Mas, ao mesmo tempo a bengala, para um garoto de 14 anos, como eu, era algo assustador. Eu cresci em meio a crianças sem deficiência, numa escola regular, e até que, um dia, surgiu uma oportunidade de trabalho, no diário do bndc, em Santo André. E precisava ter a independência do ir e vir. E aí eu fui, às pressas, buscar um curso pra poder utilizar a bendita bengala. E aquele objeto que me parecia um símbolo de liberdade, de possibilidade plena de ir e vir, de repente se tornou no assustador. Chegar no bairro com uma coisa enorme e ser visto como cego, de repente me pareceu algo horripilante. NO primeiro dia eu tentava disfarçar, é óbvio que isso era impossível, estava todo mundo vendo, mas a tentativa era de passar em silêncio. E quando encontrei uma primeira pessoa, na época a bengala ainda não era dobrável, e a primeira pessoa, quando me cumprimentou uma amiga que estucava comigo, me fez perceber que aquilo não poderia ser tão terrível assim. E a história vocês já sabem. Dias depois a bengala fazia parte do meu cotidiano e, mais que isso, do meu jeito de ser. Dessa condição humana de ser Carlos Ferrari.

E por que eu tou te contando, você que ouve a gente: por que estou usando esse gancho pra começar o papo do dia de hoje, "a cegueira sem glamour, sem horror, como uma condição humana"? Porque, pra tratar da cegueira enquanto uma condição humana, é preciso conversar sobre como a gente, para pra olhar para o outro. Então eu pergunto a você que ouve esse podcast? Você já parou pra refletir como você olha pra outro? Como você vê os cegos? Não é nada pessoal, por favor. É que, pensar a vida passa pela forma como a gente reconhece os outros. Pena, admiração, medo, estranheza, esses são todos sentimentos que, na condição de pessoa com deficiência, eu já pude experimentar, o olhar da sociedade a partir de todas essas perspectivas. E, acredite, dá um trabalhão desconstruir tudo isso.

O lado bom desse papo é que, quando a gente desconstrói, quando a gente derruba esses olhares estigmatizados pra cegueira e traz pro amedrontado, aquele que nos admira achando que até o ato de respirar é um heroísmo, quando a gente faz isso, não tem a ver com o Carlos Ferrari nem com qualquer outra pessoa; tem a ver com uma transformação de mundo. Ou seja, criar possibilidades de transformar o olhar do outro significa criar possibilidades de transformar a sociedade. Reconhecer a cegueira como

algo diferente de doença, de castigo, de castigo divino, e, ao mesmo tempo ter a possibilidade de mapear as oportunidades e ensinamentos decorrentes dessa porta que se fecha pra abrir tantas outras, é, sem dúvida, um jeito muito interessante de reprogramar a vida. E eu uso essa analogia da tecnologia pra dizer que mexer nisso significa mexer na fonte de um software muito complexo. E quando a gente mexe nisso, a gente reprograma todas as rotinas cotidianas. De acordo com o olhar da Filosofia, professor, quais seriam os principais caminhos pra mexer nesse software que tem sido a tanto tempo repetido, reprogramado, de maneira equivocada ou mesmo ingênua, durante séculos?

C: Querido Carlos, quando a gente diz o que é que a filosofia pensa disso ou daquilo, a gente joga um jogo de grande complexidade, de grande diversidade, porque, se tem uma coisa que os filósofos fazem questão de assegurar ao mundo, é que eles não concordam muito a respeito de quase nada dentre eles. Eu poderia, num primeiro momento, propor uma reflexão do tipo "uma vida boa é uma vida bem refletida, uma vida bem pensada". Ora, por enquanto estamos "bem na fita" < professor, porque a deficiência visual não nos impede de pensar. N' só poderíamos até subir um degrau: se para muitos pensadores, como Platão, por exemplo, o mundo percebido pelos sentidos sé juma mundo ilusório e fonte de erro e temerário para uma vida boa, sendo a vida boa uma vida feliz, uma espécie de vitória sobre as ilusões dos sentidos, nós ainda estavamos melhor ainda, porque, se os sentidos nos iludem, nós temos, em relação aos demais, um motivo a menos de ilusão. E podemos, portanto, "ir direto ao assunto", estando mais qualificados para sermos aqueles que se soltam das amarras no interior da caverna, saindo em busca das verdades encontráveis com os olhos da mente, da parte superior da alma, e assim por diante.

Poderíamos dar a palavra a outros pensadores que dirão que uma vida boa é necessariamente virtuosa, sendo a virtude o que temos de mais poderoso em nós. E tudo tem as suas virtudes. Dessa maneira uma faca, ela tem a virtude de cortar. É a sua grande força. Assim como o pulmão tem a virtude de respirar, e o coração é uma bomba que faz circular o sangue.

Tudo tem sua virtude maior. O homem também corta o pão e não é faca. Mas, vamos combinar, não é a especialidade. Quando ele corta o pão com os dedos, perde para a faca. Deve ser por isso que a principal virtude do homem não seja cortar; é coisa de faca. # Restaria perguntar: o que é mais específico do homem? Aquela virtude que nos confere sua grande humanidade. o que nos permite viver de maneira humanamente excelente?

E, naturalmente, nós encontraríamos uma certa especificidade que poderíamos chamar de virtudes morais. Elas são aquelas específicas do homem, e que permitem, não apenas uma vida boa, mas uma convivência não que é uma parte importante da vida, a vida em interação. Então, professor Carlos, nós poderíamos dizer que um homem virtuoso é um homem que vive melhor. Que dignifica a humanidade que está dentro dele. Essas virtudes, quais são?

PODCAST VEJA BEM

Começamos pela generosidade, essa possibilidade de vida em que não nos incomodamos de perder em ganho do outro; a generosidade é uma virtude moral, que dignifica a humanidade da nossa vida. A generosidade nos é muito específica. Não há generosidade entre animais, plantas, objetos.

Quando uma leoa oferece suas mamas para amamentar os seus filhotes, ela o faz por instinto. o instinto não tem a ver com a generosidade, que é uma opção, uma escola, uma decisão, uma deliberação existencial.

Assim também, além da generosidade, é possível pensar na humildade. O fato de você não se gabar das próprias virtudes, excelência, mas enfatizar sua fragilidade, a sim você pode sair com o copo vazia, podendo ter muito a aprender e ganhar. Ao passo, se você sair de casa já com o copo transbordando de arrogância, não ganhará nada com isso, no máximo, voltará com o mesmo copo cheio para casa. Essa é uma virtude estritamente humana. A honestidade também o é. E a honestidade, bem... A temperança também o é. Não exagerar na hora de buscar prazeres, porque pode se destruir, e 'uma possibilidade de vida. É uma vida em moderação E eu poderia ficar aqui o tempo todo citando virtudes propriamente humanas. Carlos, se a vida boa é a vida virtuosa, nenhuma das virtudes fica comprometida pela deficiência visual.

E é exatamente por isso que nós continuamos "bem na fita". Continuamos na disputa que é toda nossa conosco mesmo, nessa disputa tão digna e dignificante, de conferir a própria vida o seu melhor encaminhamento, em função de escolhas, de autonomia e de soberania, que é particular à humanidade. Não somos escravos do nosso instinto. Não somos escravos da nossa natureza. Pelo contrário, temos vontade, temos autonomia, temos condição de deliberar, e é exatamente por isso que, ante todas essas possibilidades a virtude na vida de cada um de nós dependerá das condições concretas da vida de cada um de os. Portanto a nossa deficiência visual e ela é uma condição exatamente porque é a partir dela que renovadas virtudes deverão ser buscadas. Em função da realidade da vida, é a vida que permite ao homem pensar sobre ela e, com isso, encontrar os melhores caminhos os melhores encaminhamentos. Um homem deficiente visual, refletirá sobre a própria vida à luz dessa deficiência. E, claro, encontrará as virtudes necessárias para encarar o mundo de frente, com altivez, com dignidade. Por isso, meu caro Carlos, nós temos começado um trabalho maravilhoso e durante todos nossos encontros teremos a oportunidade de falar do quanto essa condição de vida permite a cada um de nós uma reflexão arejada que nos tira do cotidiano mais abilolado, que nos tira da mesmice e que nos cobra, dada a nossa condição, uma reflexão arejada, renovada, turbinada pro aquilo que não é compartilhável com qualquer um e que, portanto, e escapa da esfera da evidência e da obviedade e entra na esfera da particularidade e da especificidade. É exatamente por isso que a nossa conversa deverá despertar interesse, porque, justamente, esse momento será um momento de ruptura com o cotidiano, da mesmice, da mediocridade média. A possibilidade de refletir sobre a especificidade de uma existência que vale como qualquer outra, em função de uma condição que é como qualquer outra condição e, a partir daí, as suas conclusões necessárias. Essa é minha primeira proposta de reflexão aos amigos e a você. Devolvo a bola pras tuas considerações finais, agradecendo essa iniciativa que foi conjunta, essa parceria que,

PODCAST VEJA BEM

no seu caso, é sempre amável, generosa, ativa, feliz, a própria de alguém exitoso na hora de viver.

De alguém infinitamente mais confiante na vida que muitos outros que se consideram mais aptos que nós a ser feliz.

V: O “Veja Bem” é editado e conta com locuções de profissionais cegos ou com baixa visão. Quer conhecer a rádio da Organização Nacional de Cegos do Brasil e apoiar esse trabalho?

É só baixar o App da Rádio ONCB na sua loja Android ou IOS. Para apoiar e conhecer a Organização, acesse o site: www.oncb.org.br/doacao

V: Rádio ONCB. ONCB: todas as vozes num só rádio.

V: O Som de todas as vozes.

F: Nossa, que honra chegar próximo ao fim desse episódio! E você já deve estar refletindo sobre quais as suas condições humanas que por vezes são reconhecidas ou tratadas como algo não tão bacana, por vezes sendo desconsideradas pelos outros e te impedem de refletir, por conta desse julgamento, acerca das virtudes, da humildade, da temperança, da honestidade... Tantas virtudes que podemos exercer, independente da condição humana que a Vida nos oferece. A vida boa, como diz o professor, pode ser vivida, na medida em que nós tomarmos decisão de exercer essas virtudes, de investir nisso como um diferencial pra seguir adiante.

Esse é o primeiro episódio do “Veja Bem”. Você pode entrar em contato conosco pelo WhatsApp (11) 98974-6998 e dizer da sua experiência, o que você sentiu ouvindo esse episódio. Conta pra gente o que te toca ao ouvir essa conversa? Por esse número você também recebe informações sobre os próximos episódios.

Um abraço e até a próxima!

V: Esse conteúdo foi trazido até você por meio da parceria entre Espaço Ética e Social Soluções. Quer saber mais sobre cada um de nós? Visite os nossos sites:

www.espacoetica.com.br

www.socialsolucoes.com